

SIMPÓSIO AT163

ESCOLA DE VIDRO X ESCOLA DE CORPOS: PENSANDO AS POSSIBILIDADES DA ESCOLA EM DIÁLOGO COM AS CRIANÇAS

COUTINHO, Joice

Universidade Federal Fluminense

joiceccoutinho@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo realizar uma reflexão a respeito das culturas infantis e das culturas escolares, iniciando com o contato com o que as crianças pensam sobre a escola. Minha questão principal é: qual a possibilidade de uma prática que busque a valorização das culturas infantis no contexto escolar? Dialogando com as crianças do 1º ano do ciclo de alfabetização de uma escola municipal da rede de Araruama-RJ, em rodas de conversa. Esse trabalho, pesquisa com o cotidiano, inicia-se com um diálogo a partir de Ruth Rocha “Quando a escola é de vidro” e Kátia Schaefer “Escolas de corpos: que escola é essa?” e vai sendo tecido com as experiências das crianças, os estudos teóricos e minhas vivências na educação. Para nos ajudar a refletir sobre as crianças e as infâncias, as culturas escolares e as práticas pedagógicas que valorizem as crianças e suas histórias, culturas e potencialidades, buscamos as contribuições de Andréa Serpa, Ângela Borba, Gimeno Sacristán, Paulo Freire e Regina Leite Garcia. As rodas de conversa nos permitem aproximação, troca, olhares e escuta. As falas das crianças nos levaram a uma reflexão sobre a importância das brincadeiras e da valorização destes momentos na escola. Levaram-nos a refletir sobre os corpos vivos e ávidos por conhecimento que ali estão, e por outro lado, sobre a rigidez e a necessidade de produção percebidas na escola. Sabemos das dificuldades encontradas no cotidiano das escolas, porém podemos identificar que as relações são de fundamental importância para todos

da escola. Portanto, em um ambiente em que há diálogo, escuta, riso, trocas e respeito, é possível sim uma escola viva e potente. Uma escola de corpos!

Palavras-chave: Culturas infantis; Culturas escolares; Possibilidades.

Abstract: This work aims to reflect on children's cultures and school cultures, beginning with the contact with what children think about school. My main question is: what is the possibility of a practice that seeks the appreciation of children's cultures in the school context? Dialogando with the children of the 1st year of the cycle of literacy of a municipal school of the network of Araruama-RJ, in conversation wheels. This work, research with daily life, begins with a dialogue from Ruth Rocha "When school is glass" and Kátia Schaefer "Schools of bodies: what school is this?" And is woven with the experiences of children, theoretical studies and my experiences in education. To help us reflect on children and childhood, school cultures and pedagogical practices that value children and their histories, cultures and potentialities, we seek the contributions of Andréa Serpa, Angela Borba, Gimeno Sacristán, Paulo Freire and Regina Leite Garcia. The conversation wheels allow us to approach, exchange, look and listen. The conversations of the children led us to a reflection on the importance of the games and the valuation of these moments in the school. They have led us to reflect on the living, avid bodies of knowledge that are there, and on the other hand, about the rigidity and the need for production perceived in school. We know of the difficulties encountered in the daily life of schools, but we can see that the relationships are of fundamental importance for all of the school. Therefore, in an environment where there is dialogue, listening, laughter, exchanges and respect, it is possible to be a living and powerful school. A school of bodies!

Keywords: Children's cultures; School crops; Possibilities.

Introdução

Paulo Freire e Regina Leite Garcia nos fazem refletir sobre nossas possibilidades frente as dificuldades na nossa luta diária na educação e nas escolas públicas quando nos tornamos *professoraspesquisadoras* de nossa própria prática. Essa pesquisa se dá a partir de um questionamento, de uma pergunta ou de uma ideia fixa que temos em relação ao cotidiano. A refletir sobre nossa prática, questionar, estudar e dialogar passamos a ver o que não víamos antes e repensamos nossas práticas e nosso posicionamento pedagógico e social.

Este breve texto propõe uma reflexão a respeito das culturas infantis e das culturas escolares, iniciando com o contato com o que as crianças pensam sobre a escola, levando em consideração a importância da escuta, do olhar para as crianças e da percepção delas como protagonistas de suas próprias histórias. Minha questão principal é: Qual a possibilidade de uma prática que busque a valorização das culturas infantis no contexto escolar? Realizo essa reflexão em diálogo com Ruth Rocha “Quando a escola é de vidro” e Kátia Schaefer “Escolas de corpos: que escola é essa?”.

1. A pesquisa...

A pesquisa teve início com uma visita à escola para realizar uma roda de conversa com as crianças do 1º ano do ciclo de alfabetização, a partir da história: “Quando a escola é de vidro” (Ruth Rocha) para sabermos o que as crianças pensam sobre essa escola, a conversa foi gravada e pude revisitar os áudios algumas vezes para buscar nas falas das crianças o que pensam sobre essa escola e se tem alguma relação com a escola que estudam. Em outro momento retorno à escola para uma roda de conversa sobre o que mais gostam na escola em que estudam e proponho uma ilustração, aproveito esse momento para conversar com as crianças sobre a visita anterior e peço a autorização deles para a gravação das conversas (ao iniciar a pesquisa pensei em pedir autorização a todos da escola, falhei em não pedir aos principais envolvidos na pesquisa- as crianças); realizo outra visita à escola para participar da dinâmica,

observar a sala de aula, o que as crianças fazem, conversar com a diretora da escola e as professoras da turma e pesquisar o Projeto Político Pedagógico da escola.

Para refletir sobre as crianças e as infâncias, as culturas escolares e as práticas pedagógicas que valorizem as crianças e suas histórias, culturas e potencialidades, apoiei minhas pesquisas nos estudos de Andréa Serpa, Ângela Borba, Gimeno Sacristán, Paulo Freire e Regina Leite Garcia.

2. “Dentro do vidro só pode ficar apertado”, “dentro do vidro é gelado”: um olhar das crianças sobre a escola de vidro e as possibilidades de outra escola

A primeira roda de conversa com as crianças aconteceu com base na história “Quando a escola é de vidro” (Ruth Rocha). Ao registrar acerca da potência da escola Kátia Schaefer nos traz uma reflexão de Walter Benjamin: “O vidro é inimigo da propriedade porque a expõe, mas por outro lado, o vidro não adere, é externo, escorregadio. O vidro não permite a experiência, não permite o mistério. Tudo é transparente, superficial e frágil.” (SHAEFER, 2014). As crianças, na roda de conversa proposta, acrescentam sobre a escola de vidro: “eles estavam de castigo”, “a gente ia ficar igual uma joaninha”, “dentro do vidro é gelado”, “dentro do vidro só pode ficar apertado”, “E pra ir no banheiro?”, “mijava nas calças?”, “acho que eles ficaram loucos”, “as pessoas não iam ouvir”, “no vidro dela tinha que caber você também!” “E tia ‘Ana’ também!”. Ao perguntar se a professora também ficava no vidro uma criança respondeu “Não, porque ela dá aula”, outros responderam: “Não, porque ela é muito grande.” Outros disseram que sim, “as professoras também ficam no vidro”. E as indagações das crianças continuam: “por que eles ficaram no vidro?”, “o que fizeram de ruim para ficar no vidro?”, “porque fizeram coisas ruim”, “porque quebraram o vidro” “porque eles eram escravos” (responderam alguns), “será que eles reclamavam?”, “peixe que fica em vidro” “Só alguns, né?!”.

Ao pensarmos uma escola para as crianças, precisamos conhecer quem elas são, o que elas desejam, do que elas gostam, quais são suas trajetórias, histórias e culturas, para não cairmos em uma escola de vidro. As crianças produzem cultura, dão sentido ao mundo, subvertem a ordem com seus pontos de vista e fazem parte de uma classe social.

Qual a potência em uma proposta pedagógica em que as crianças não sejam vistas como sujeitos de cultura e história? Onde as crianças são meras receptoras de uma proposta pensada para elas por adultos que determinam elas precisam aprender. A proposta voltada ao adulto que será, à profissão que terá, ao que a sociedade espera delas. Uma escola em que não há espaço para a manifestação de suas ideias, interesses, histórias, pois estar no vidro é o melhor para elas, serão moldadas para o que espera delas.

Tinha menino que tinha até que sair da escola porque não havia jeito de se acomodar nos vidros. E tinha uns que mesmo quando saíam do vidro ficavam do mesmo jeitinho, meio encolhidos, como se estivessem tão acostumados que até estranhavam sair dos vidros. (ROCHA, 2012, p.37)

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

Criança: Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, 2010)

Na escola de vidro tem espaço para isso? Ou ao transformar a criança em aluno esses direitos se reescrevem? A cultura escolar separa a cabeça do corpo, a vida real de uma vida que se passa nos cadernos e papéis que se produzem. E a criança presente, potente e real? A vida vai ficando de fora e assim, as crianças fracassam e com o fracasso dos alunos, as cobranças externas e internas os professores adoecem.

É acreditando na potência dos encontros, dos saberes e sentires possíveis na escola, que vejo a necessidade de revertermos a ordem, repensarmos a escola com as crianças. Assim, as crianças vistas em suas

individualidades e possibilidades e não no seu não saber e no seu erro. Os professores se sentem mais felizes ao estar ali, ficam satisfeitos com a construção dessa parceria e não adoecem, muito pelo contrário, encontram nas relações com as crianças a força para continuar trilhando o caminho.

As crianças que frequentam às escolas não são as mesmas que brincam do lado de lá dos muros e ali, naquela brincadeira, tanto cria, imagina, fantasia, recria, forma e transforma, mas também enfrenta seus medos e dificuldades, quando ainda está do lado de fora. E do lado de cá, ela não continua a ser criança? Picanço (2008) indaga: *Quem é essa criança?* Será esta um sujeito de direitos, portadora e construtoras de saberes e culturas? E ela está nas escolas e esses saberes e culturas precisam ser respeitados e potencializados. E isso ocorre quando as experiências são valorizadas.

Kátia Schaefer (2014) reflete:

[...] o tempo, as regras costumam ser parecidas de uma instituição para outra. As turmas andam em bando e precisam utilizar o tempo de forma uniforme. O tempo oficializado na escola é o tempo cronológico. Por isso, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental, há hora de lanchar, de brincar, de estudar, de ir ao banheiro, de chegar, de sair. Todos juntos. O tempo é tão planejado e controlado que os minutos são minuciosamente controlados. Não sobra tempo em função da busca de uma produtividade e de um ensino dito de qualidade. (SCHAEFER, 2014, p. 13)

Foucault já denunciava o sistema de controle nas instituições educacionais, fazendo um comparativo com outras instituições como o quartel, o hospício e os presídios. Esses são lugares de crianças, sorrisos, conversas, afeto, cuidado? Quartéis, hospícios, presídios não são lugares de crianças, mas escola sim! E é na escola que muitas coisas acontecem, nela as relações acontecem, os encontros acontecem.

Segundo a perspectiva sociointeracionista, elaborada a partir dos trabalhos de Wallon e Vigotski, o desenvolvimento humano ocorre a partir da ação do indivíduo sobre o meio (PICANÇO, 2008). As crianças interagem e constroem conhecimento assim, na relação com as pessoas e com o mundo. Por isso, a escola pode sim ser lugar de criança quando potencializa essas relações.

Muitas são as formas de dominação que estão sobre o trabalho do professor, e muitas delas sempre existirão quando o currículo é pensado de cima para baixo, quando as políticas educacionais ainda não atendem as nossas demandas, porém, sempre existirão práticas que possam burlar com o que nos é imposto.

Quando enxergamos as crianças como produtoras de cultura damos a elas visibilidade e ao se tornarem visíveis sejam elas chamadas de alunos ou de crianças, seja o nome que for, não há espaço para as palavras silêncio e disciplina. Neste momento criança, aluno, muro adentro, muro a fora, somos todos participantes ativos do processo de *ensinoaprendizagem*, todos temos voz e espaço quando ao invés de hospícios, presídios, escolas de vidro e quartéis nos aproximarmos mais da possibilidade de uma escola construída com as crianças e não para elas; uma proposta pedagógica pensada com as crianças e não para elas.

Conviver em uma escola fria, rígida e sem espaço para o diálogo, as expressões de afeto, as múltiplas linguagens, o riso, a descontração, a construção coletiva é adoecedor, é a reprodução da sociedade em que vivemos e a produção do fracasso, do nosso fracasso. Pensar as possibilidades da escola com as crianças, os jovens e os adultos que nela estão é necessário, é urgente e primordial. Essa construção é possível. Não é da noite para o dia e muito menos sem parceria, luta e embasamento teórico. Repensar a lógica escolar, é ir contra um modelo de sociedade e de escola que está posto, é nadar contra a maré, mas não é por estar posto que não possamos burlar, transgredir, repensar, articular e (re)construir. É preciso renovar nossos sonhos e utopias para nos mantermos na luta por uma educação de qualidade, por escolas onde sejamos felizes, nós professoras e professores, alunos e todos os importantes funcionários e funcionárias que nelas estão.

Cada vez mais as experiências, risos, abraços perdem espaço para a produção, fazemos sem nem saber o porquê, atropelamos nossa prática, vivemos menos os momentos, sentimos menos. É preciso pensar a escola com

as crianças, onde elas sejam as protagonistas, e assim perceberemos o quão rico, diverso e potente pode ser o ambiente escolar. Para isso mostra-se necessário que a escuta seja exercitada, para que o que a criança há tanto tempo nos diz e mostra saia do silêncio, que é o lugar que o aluno muitas vezes é colocado e se potencialize, ganhando visibilidade e força. Essa força transformadora de nossas práticas enquanto professoras e professores.

Considerações finais

Sabemos das dificuldades encontradas no cotidiano das escolas públicas, porém podemos perceber que as relações são de fundamental importância para todos da escola. Portanto, em um ambiente em que há diálogo, escuta, riso, trocas e respeito, é possível sim uma escola viva e potente. Uma escola de corpos! Com todas as dificuldades enfrentadas nas escolas é possível criar um ambiente de respeito às crianças e de possibilidades diante de seus interesses e vontades. As crianças têm muito a dizer, nós muito a aprender sempre. Regina Leite Garcia e Nilda Alves (2006) no texto “Escola nossa de cada dia reinventada” nos diz:

Muito se fala sobre a escola, de fora, de longe, desconhecendo o que acontece a cada dia, dentro da escola, onde interagem os profissionais que nela atuam, alunos e alunas, pais, mães e a complexidade do que se passa e se cria nesse espaço/tempo de aprender e ensinar, de construção de múltiplas subjetividades, de encontros e desencontros, de socialização. A escola de que falam é uma simplificação, a partir de um paradigma reducionista. (GARCIA e ALVES, 2006, p. 15)

Nós que estamos na escola, pesquisando e refletindo sobre nossa prática, buscando auxílio nas teorias e reiventando nossa prática somos as possibilidades para a escola. É na tessitura dos encontros, das pesquisas e dos diálogos que vamos (re)pensando a nossa prática e reiventando nossa escola. As crianças são os principais sujeitos nessa reinvenção, elas nos dão pistas, elas nos mostram caminhos, precisamos ver e ouvir para realizarmos práticas pedagógicas potentes com nossas crianças.

Regina Leite Garcia e Nilda Alves finalizam seu texto “Escola nossa de cada dia reinventada” e eu o meu com elas:

Nossa esperança reside na possibilidade de emergência de uma nova organização a partir do caos. Nossa luta é para que do caos possamos construir uma nova forma de vida neste planeta em que alguns vivem e outros apenas sobrevivem, vida que seja pautada pelo profundo sentimento de compaixão, que supera o sentimento individual dirigido a um outro apenas e se abre para o mais amplo sentimento de compaixão pela humanidade. (GARCIA e ALVES, 2006, p. 19)

Uma escola voltada para as culturas infantis é uma escola possível, mas não é uma escola interessante ao projeto de educação que temos, recordando Darcy Ribeiro que já denunciava que a crise na educação, não é uma crise, é um projeto, a escola aberta aos encontros, histórias e tessituras possíveis é também um projeto de sociedade mais humana, dialógica e emancipatória. O que tiramos de positivo do vidro: a transparência e o lugar de que quando se sai, não se quer jamais voltar. O que queremos dos corpos: eles, inteiros, íntegros, flexíveis, vivos, pensantes, dançantes, cantantes e brincantes. Uma sociedade assim é o meu sonho, uma escola assim é minha luta, é minha paz e meu tormento, é minha brisa e meu furacão. É no olhar de uma criança que me pauto e não nos números, isso faz sentir-me um peixe fora d’água, às vezes, mas só às vezes, porque logo encontro nas minhas parceiras e parceiros de educação um renovo às forças nos ambientes de trocas, como é a própria escola (aquela mesma que não é, mas às vezes é), nas universidades, nos encontros com as professoras, na vida.

A pesquisa aqui iniciada não se esgota nem se conclui, pois enquanto houver crianças e escolas estaremos pensando sobre quem são essas crianças e que escolas temos construído para estas. O trabalho aqui iniciado, com a voz de algumas crianças, de uma *professorapesquisadora* e de alguns autores e autoras terão continuidade nas vozes de tantos outros e outras nas nossas escolas cotidianamente.

Referências

BARBOSA, Silvia Néli. **O currículo como produção de sentido**. Rio de Janeiro: 2013, mimeo.

BORBA, Ângela Meyer. **As Culturas da Infância no Contexto da Educação Infantil**. In VASCONCELLOS, Tânia (orgs.). Reflexões sobre Infância e Cultura. Niterói: EdUFF, 2008.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010.

_____. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Organização Janete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Alfabetização dos alunos das classes populares**. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Alfabetização responsabilidade de todos**. Revista Andes: dezembro/1989.

GARCIA, Regina Leite, SAMPAIO Carmen Sanches e TAVARES, Maria Tereza G. (orgs.). **Conversas sobre o lugar da escola**. Rio de Janeiro: HP, 2006.

GOULART, Maria Cecília e SOUZA, Marta Lima de (orgs.). **Como alfabetizar: na roda com professoras dos anos iniciais**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, 2002.

MOTTA, Flávia Miller Naethe. **De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental.** In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 157-173, jan./abr. 2011.

ROCHA, Ruth. **Este admirável mundo novo.** São Paulo: Salamandra, 2012.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SERPA, Andréa. **Cultura escolar em movimento: diálogos possíveis.** Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

_____. **Quem são os outros da/na avaliação? Caminhos possíveis para uma prática dialógica (tese de doutorado).** Disponível em: http://www.andreaserpauff.com.br/d_alfabetizacao.htm, acesso em 29/05/2018.

SILVA, Fabiany. **Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa.** Educar, Curitiba, n.28, p.201-216. Editora UFPR, 2006.

SCHAEFER, Kátia de Souza e Almeida Bizzo. **Escola de corpos: que escola é essa?** In: VII Colóquio Internacional da Filosofia da Educação: o que pode a escola hoje em nossa América?, 2014, Rio de Janeiro. v. 1. p. 01-19.

PICANÇO, Mônica Bezerra de Menezes. **Educação Infantil: Lugar de Criança ou de aluno?** In VASCONCELLOS, Tânia (orgs.). Reflexões sobre Infância e Cultura. Niterói: EdUFF, 2008.

VASCONCELLOS, Tânia (orgs.). **Reflexões sobre Infância e Cultura.** Niterói: EdUFF, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A brincadeira e o desenvolvimento psíquico da criança.** Trad. Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Ufrj, Revista GIS nº11, 2008, pp. 23-36.

Disponível em: <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>.

_____. **Imaginação e Criação na infância.** Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Editora Ática, 2009.

WALLON, Henri. **Origens do Pensamento na criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1989.